



Fontes para a difusão da didática moderna no ensino da Língua Portuguesa: os manuais do Ensino Ginásial e a autoria docente nas décadas de 1940 e 1950

Sources to the diffusion from the modern didacticism in the teaching of Portuguese: the manuals of junior high school and the teachers-authors in the 1940s and 1950s

Fuentes para la difusión de la didática moderna en la enseñanza de la lengua portuguesa: los manuales de la escuela secundaria y la autoria de los maestros en los años de 1940 y 1950

ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS ¹

Resumo

A pesquisa mobilizou como fontes prioritárias os manuais de língua portuguesa para as séries ginásiais, editados nas décadas de 1940 e 1950, de autoria de professores paulistas, que pregava o aprendizado da gramática a partir de textos literários. A coleção “Páginas Floridas”, de Francisco Silveira Bueno, editada pela Livraria Acadêmica, Saraiva e Cia e a “Coleção Didática do Brasil – Série Ginásial- Português”, assinada por Aída Costa foram selecionadas como exemplares representativos de compreensão da circulação de novos padrões didáticos por professores-autores que ocuparam posições relevantes no campo educacional paulista e mobilizaram diferentes estratégias. A pretensão do estudo foi contribuir com a História da Profissão Docente, e com a História das Disciplinas Escolares ao desvendar a trajetória dos referidos autores, que difundiram o ensino de português e literatura, a partir de coleções, que tiveram circulação nacional.

Palavras chave: Ensino Ginásial. História da Profissão Docente. Manuais.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio de pós-doutorado concluído na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: anagbuono@uol.com.br

Abstract

This research has as priority sources the manuals from the portuguese teaching to the high school series, edited in the 1940s and 1950s by authors from the state of São Paulo, who preached the learning of grammar from literary texts. The collection "Páginas Floridas", written by Francisco Silveira Bueno, edited by Livraria Acadêmica, Saraiva e Cia and the "Coleção Didática do Brasil – Série Ginásial- Português ", signed by Aída Costa were selected as examples to the understanding of the circulation from new patterns didactics used by teacher-authors who occupied important positions in the educational field of São Paulo and mobilized different strategies. The purpose of the study was to contribute to the History of the Teaching Profession and to the History of School Disciplines by unveiling the trajectory of these authors, who disseminated the teaching of Portuguese and Literature, from collections which had national circulation.

Keywords: High School. History of Teaching Profession. Manuals.

Resumen

Esa investigación tiene como fuentes prioritarias los manuales de la lengua portuguesa para las series del secundario, publicados en los años de 1940 y 1950, escritos por los maestros paulistas (San Pablo) que predicaban la aprendizaje de la gramática a través de los textos literarios. La colección "Páginas Floridas" de autoria de Francisco Silveira Bueno, con la edición de la Livraria Acadêmica, Saraiva e Cia e la Coleção Didática do Brasil – Série Ginásial- Português, firmada por Aída Costa fueran seleccionadas como los ejemplos representativos para la comprensión de la circulación de nuevos estándares didácticos escritos por los maestros-autores que ocupaban posiciones importantes en la area de educación paulista y movilizaran diferentes estrategias. El objetivo de esse estudio fué contribuir con la História de la Profesión Docente y con la História de las Disciplinas de las escuelas, haciendo una demostración de los trayectos de los citados autores que, divulgaran la enseñanza de la lengua portuguesa y literatura, a partir de colecciones, que circulaban en todo país.

Palavras chave: Enseñanza Secundaria. Historia de la Profesión Docente. Manuales.

Recebido em: agosto de 2016

Aprovado para publicação em: novembro de 2016

A pesquisa mobilizou como fontes prioritárias os manuais de língua portuguesa para as séries ginasiais, editados nas décadas de 1940 e 1950, de autoria de professores paulistas, e a defesa do ensino do idioma pátrio através da didática moderna, que pregava o aprendizado da gramática a partir de textos literários. A coleção “Páginas Floridas”, de Francisco Silveira Bueno, editada pela Livraria Acadêmica, Saraiva e Cia e a “Coleção Didática do Brasil – Série Ginásial- Português”, assinada por Aída Costa foram selecionadas como exemplares representativos de compreensão da circulação de novos padrões didáticos por professores-autores que ocuparam posições relevantes no campo educacional paulista.

A produção de pesquisas no campo da História da Educação, nas últimas décadas, tem demonstrado a importância das temáticas relacionadas com a História da Profissão Docente. Através de fontes diversas, registros da atuação de professores, suas práticas de formação e de docência, suas estratégias de organização e de produção de saberes, bem como, as trajetórias de diferentes professores e professoras estão sendo inventariados e analisados nas diferentes regiões do Brasil, entre outros estudos, que tratam destas temáticas, em diferentes estados brasileiros, indica-se: Catani (2003;2008); Bastos, Bencostta e Cunha (2004); Peixoto e Passos (2005); Vasconcellos e Nascimento (2006); Araújo, Freitas e Lopes (2008); Souza e Mignot (2008); Tambara e Corsetti (2008 e 2009); Vicentini e Lugli (2009).

Legitimidade, experiência, competência didática comprovada, aprovação em concursos públicos, exercício do magistério em instituições de ensino renomadas, formação acadêmica, domínio de línguas estrangeiras, entre outros elementos parecem produzir “efeitos” específicos na autoria-didática, na primeira metade do século XX. Nos “conflitos de poder” estabelecidos entre as editoras para a seleção e manutenção de autores e coleções de livros, neste período, observamos que as disputas são travadas não apenas no campo educacional, mas também diante de “normas” que regem o campo editorial. Diante deste contexto, pode-se perguntar: por que, para que e para quem escreveriam os professores e as professoras? Em que medida a escrita docente de livros didáticos servia como mediação para os processos de legitimação na carreira do magistério? Seriam apenas objetivos materiais que estimulariam os professores e as professoras a escreverem livros didáticos?

A pretensão do estudo é contribuir com a História da Profissão Docente, e com a História das Disciplinas Escolares ao desvendar a trajetória de dois professores-autores, que difundiram o ensino de português e literatura, a partir de coleções, que foram produzidas em São Paulo, e tiveram circulação ampliada.

Os autores e seus percursos profissionais

O professor Francisco Silveira Bueno, nasceu em 1898, no interior de São Paulo, em Jarinu, comarca de Atibaia. Após os estudos primários foi matriculado no Seminário Menor de Pirapora, de onde, após cinco anos foi transferido para o Seminário Provincial de São Paulo, nesse tempo, Faculdade de Filosofia e Teologia agregada à Universidade Gregoriana de Roma. Em 1917 defendeu a tese que lhe valeu a conclusão do Curso de Filosofia, permanecendo mais quatro anos na instituição para se dedicar à formação em Teologia, Direito Canônico e Exegese Bíblica. Durante este processo estudou Grego e Hebraico (MELO, 1954).

Após abandonar a carreira eclesiástica realizou curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia São Bento e dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Ensinou Latim, Português e História no *Mackenzie College*, no Colégio São Bento, no Colégio S. Luís, no Colégio Pan Americano e no Colégio Paulistano, concorrendo em 1929 à cátedra de Português e Calífasia do Instituto de Educação. Tendo sido classificado em primeiro lugar foi nomeado e ensinou estas duas disciplinas e depois Literatura Portuguesa, por 10 anos. Neste período lecionou também no Ginásio do Estado na Capital.

Em 1939 prestou concurso para a cátedra de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sendo aprovado. Colaborou em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, durante muitas décadas. Participou da redação dos seguintes jornais: “Jornal do Comércio”; “Folha da Manhã”; “Folha da Noite”; “Platéia”, “Diário Paulista”; “A Tarde”.

Pedagogo, crítico, ensaísta, poeta, conferencista, tradutor especializou-se nas décadas de quarenta e de cinquenta, do século XX, em pesquisas sobre Filologia e Linguística. Fez conferências na Espanha, a convite do Instituto de Alta Cultura Hispânica, e da Academia de Língua Espanhola; assim como em Coimbra e Lisboa. Em diversos momentos de sua trajetória como escritor usou o pseudônimo de Frei Francisco da Simplicidade.

Faleceu em 1989, com 91 anos. Autor de diversos dicionários, gramáticas e de livros sobre: a Literatura brasileira e portuguesa, História da Literatura e Filologia. Se dedicou à oratória, publicando em 1933, “A arte de falar em público”, obra de referência para oradores brasileiros renomados e “O Manual de calífasia, calífonía, calírritmia e arte de dizer”, dedicado ao estudo e aprimoramento da voz. Ao longo de sua trajetória publicou mais de 30 livros e o “Dicionário da Língua Portuguesa” organizado por ele, foi editado também pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo sido distribuído para escolas e bibliotecas nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Aída Costa², foi nomeada após concurso, no segundo semestre de 1958, professora catedrática de Literatura Latina na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, instituição onde se formou em Letras Clássicas. Um de seus ex-alunos recorda:

Aída Costa [...] imprimiu nova dinâmica e novos métodos no estudo da literatura. Dividia seu curso em duas partes, curso propedêutico e curso monográfico, e ela própria se dividia entre as lições de teoria literária e iniciação à literatura latina e a leitura e análise dos autores latinos. Assim é que o teatro de Plauto, Terêncio e Sêneca, a epopeia vergiliana e a grande lírica de herança helênica que celebrizou os poetas Catulo, Horácio, Vergílio, Ovídio, Tibulo, entre muitos outros, enriqueceram a visão de mundo dos alunos e marcaram ponto na alta qualificação dos estudos latinos na Faculdade. (MAFRA, 2008, 79)

² O estudo sobre a trajetória de Aída Costa ainda está em desenvolvimento, não temos muitas informações sobre seu processo formativo. Uma parte da sua biblioteca pessoal foi doada ao Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP) que constitui um dos acervos investigados nesta pesquisa. Posteriormente ela também foi professora de Didática do ensino de Português, como também da Pós-Graduação em Letras Clássicas.

A professora Aída Costa publicou na Coleção Didática do Brasil, pela Editora do Brasil livros de latim e de português, nas décadas de 1940 e 1950. Além de também se dedicar a produção de livros para o exame de admissão, pela referida editora, e tradução de obras latinas, pela Cultrix, nas décadas de 1960 e 1970.

A produção de livros didáticos na Era Vargas

No período do Estado Novo, duas leis foram significativas na definição de condições de produção e utilização do livro didático, o decreto 1006 de 30 de dezembro de 1930 e o decreto-lei 8460 de 1945 (Cf. RAZZINI, 2000). A produção de livros didáticos no Estado Novo faz parte de um conjunto de determinações previstas pelas Leis Orgânicas do Ensino que contemplaram separadamente cada um dos “ramos de ensino” existentes no início da década de 1940 pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema. Como indica Hilsdorf:

Dentro das escolas, as “Leis Orgânicas”, procuraram regulamentar o cotidiano de professores e alunos: são visíveis no período do Estado Novo as prescrições de padronização da programação curricular e da arquitetura da escola, do controle do recreio e da disciplina, da adoção das classes homogêneas e do método único de leitura (analítico global), do uso do uniforme, da verificação do asseio corporal, do incentivo à formação de bibliotecas e clubes de leitura, de clubes agrícolas, exposições, jornais escolares, do escotismo, do cinema e rádios educativos, de grêmios e caixas escolares. Elas ecoam, sem dúvida, orientações da Escola Nova defendidas nos anos 20 e 30 (HILSDORF, 2003, p.102-103).

Segundo a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto n.4.244 de 9 de abril de 1942) este ramo de ensino, seria dividido em curso ginásial de quatro anos e curso colegial de três anos. O curso colegial, poderia ser realizado na modalidade de curso clássico ou curso científico. Segundo Veiga:

[...] para o Ministro Capanema, o secundário era o nível por excelência destinado a formar os futuros cidadãos em sua consciência patriótica. Educar para a sociedade foi interpretado como educar para a nação. Nesse sentido, tal objetivo definia um currículo de acentuado conteúdo humanístico, necessário para a preparação das individualidades condutoras do povo e da nação. [...] Prescrevia ainda que preferencialmente a educação secundária para as mulheres deveria se realizar em estabelecimento específico para este fim (VEIGA, 2007, p.292).

Cada uma das lições, nas coleções pesquisadas, é composta, geralmente, por uma leitura literária em prosa e/ou em verso, comentários gramaticais, vocabulário e exercícios relacionados com a produção de composições e testes gramaticais. Além do perfil biográfico do autor do texto selecionado. Autores renomados da literatura brasileira e portuguesa

ocupam as páginas dos volumes analisados. Os textos selecionados tratam em sua maioria de temas históricos e religiosos, valores morais e patrióticos, normas de conduta, atitudes sociais recomendadas para rapazes e moças entre outras “lições”.

Esse estudo compreende a coleção didática escolhida e os seus usos como fontes de representações de modos próprios de ensinar e aprender, bem como apreender, concepções sobre educação, escola, moral, família, pátria e sociedade. A concepção de representação referida associa-se à categoria proposta por Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de competições (CHARTIER, 1990, p.17).

Na análise das “Páginas Floridas”, e da “Coleção Didática do Brasil – Série Ginásial” como livros escolares³, verificou-se aspectos do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa e da Literatura, no ensino ginásial, bem como a relação destes impressos com a cultura escolar proposta para o período do Estado Novo, principalmente relacionada com as representações sobre escola. Como ressalta Batista:

[...] investigações têm mostrado que o livro didático e a escola estabelecem relações complexas com o mundo da cultura. Ao contrário da idéia difundida de que os saberes escolares e, particularmente os livros didáticos, consistiriam apenas numa adaptação simplificada, para fins escolares, de conteúdos produzidos no campo da cultura e da ciência, essas investigações vêm evidenciando que a origem desses saberes e objetos é bem mais complexa (cf. por exemplo, Chervel e Bittencourt, 1993) e que muitas vezes, é à escola e a seus livros que se deve atribuir a origem de conhecimentos e saberes apropriados pelas esferas do conhecimento erudito e científico (BATISTA, 1999, p.533).

³ Os livros da coleção “Páginas Floridas” foram denominados de livros escolares, como sinônimos de livros didáticos. Eles fundem os modelos de compêndio (considerado geralmente como livro-texto para consulta), de antologia (coleção de trechos literários selecionados) e livro didático (pois possuem também a indicação de exercícios que deverão ser realizados em outro suporte – cadernos ou folhas avulsas). Maiores detalhes sobre a diferenciação dos livros didáticos, consultar, entre outros: Munakata (1997); Batista (1999) e Choppin (1992).

Ao pesquisar o ensino de Português e Literatura no período de 1838 a 1971 Razzini (2000) de forma minuciosa analisa as alterações nos programas de ensino, da carga horária, da organização dessas disciplinas (isoladamente ou associadas às outras disciplinas⁴), da legislação, tendo como *locus* privilegiado o Colégio Pedro II (Ginásio Nacional) e a produção de antologias, compêndios e livros didáticos. No tocante a Reforma Capanema proposta pela Lei Orgânica do Ensino Secundário destaca Razzini:

[...] As aulas de português, antes restritas ao ciclo fundamental (1932), foram estendidas por todo o curso secundário, aumentando significativamente sua carga horária, de 16 para 23 aulas semanais. O ministro Capanema, na sua “Exposição de motivos”, salientou que: “o estudo da língua, da história e da geografia pátrias – o conhecimento seguro da própria língua constitui para uma nação o primeiro elemento de organização e conservação de sua cultura. Mais do que isto, o cultivo da língua nacional interessa à própria existência da nação, como unidade espiritual e como entidade independente e autônoma. Na conformidade deste pressuposto o ensino da língua portuguesa é ampliado, tornando-se obrigatório em todas as sete séries, com a mesma intensificação para todos os alunos (RAZZINI, 2000, p.104).

O aumento da carga horária, o novo programa para o ensino das disciplinas, proposto pela Lei Orgânica e por um conjunto de portarias, enfatizam a necessidade da “preeminência da leitura sobre as outras atividades (gramática, exercícios e redação) [...] e a leitura literária [...] foi substituída pela leitura patriótica e nacionalista” (RAZZINI, 2000, p. 104). Os temas a serem tratados eram: a família, a escola, a terra natal, o amor ao Brasil, entre outros.

Os “indícios”⁵ localizados demonstram uma preocupação dos autores, Silveira Bueno e Aída Costa com a legislação, a tradição do ensino de Português e de Literatura a partir de antologias de textos clássicos, portugueses e brasileiros, a introdução de autores de diferentes regiões do Brasil, o uso de contos morais e patrióticos, entre outros elementos.

Nunes (1999) ressalta que a Lei Orgânica do Ensino Secundário tinha como finalidades, expressas em seu artigo 1º: “a) formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral do adolescente; b) acentuar e elevar na formação espiritual dos adolescentes a consciência patriótica e humanística; c) dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial” (NUNES, 1999, p.101-102). Na exposição de motivos Capanema se refere diversas vezes à formação patriótica, como possibilidade de “[...] criar no espírito das gerações novas, a consciência da responsabilidade diante dos valores maiores da pátria, a sua independência, a sua ordem e o seu destino” (apud. NUNES, 1999, p.102).

⁴ Entre essas associações: Latim, Retórica, Poética, para maiores informações verificar Razzini (2000).

⁵ O sentido dos “indícios” neste estudo nos remete ao Paradigma Indiciário, desenvolvido por Carlo Ginzburg (1989).

As “Páginas Floridas”⁶ e as lições de Silveira Bueno

“Páginas Floridas” era uma coleção formada por cinco exemplares de livros seriados e cartonados que possuíam em média 450 páginas (nas primeiras edições) Os textos literários selecionados eram diversificados, havia crônicas, contos, poemas, descrições e pequenas narrações além de exercícios gramaticais específicos para cada lição.

Na terceira edição do exemplar das “Páginas Floridas” produzido para a 4ª série ginásial, vamos encontrar 73 lições, distribuídas em 458 páginas acompanhadas por um índice de trechos e autores, um índice de assuntos gramaticais e um índice alfabético dos comentários etimológicos. O exemplar pesquisado possui a capa cartonada. No verso do livro encontramos uma propaganda da Editora Saraiva com os títulos dos livros e os preços da coleção “Obras didáticas para o ensino da Língua Portuguesa”, segundo essas informações o exemplar pesquisado teria custado 15\$000.

Em 1952, a editora publicou a décima segunda edição elaborada com 144 páginas, com uma pequena propaganda no verso do livro sobre a obra “Gramática Normativa da Língua Portuguesa” do mesmo autor, sem indicação do preço. O livro não possui capa cartonada tendo sido composta por 52 lições e dois índices: índices das leituras e o índice gramatical. Há na capa e na folha de rosto a informação que o livro pertence à “Coleção Didática Saraiva”. O prefácio da terceira edição é composto por um texto datado de 1938 (provavelmente da primeira edição), acompanhado de uma nota da segunda edição do ano de 1939 e uma nota da terceira edição do ano de 1941. Nestes três momentos o autor dialoga com os professores explicitando os objetivos do livro (e também da coleção), critérios de organização das lições, bem como detalhes de cada uma das edições. Em 1938, Francisco Silveira Bueno afirmou:

[...] de acordo com o método pré-estabelecido nas séries antecedentes, a cada trecho seguem breves comentários, todos atinentes à evolução dos vocábulos, acompanhados da parte, propriamente gramatical. Todo programa oficial aqui se encontra desenvolvido acrescentando-se ainda alguns pontos extra-programa, porque assim nos pareceram necessários ao programa escolar. Nesta IV série pressupondo maior desenvolvimento intelectual nos alunos, não incluímos de preferência, narrações, histórias fabulosas, mas coligimos também outros gêneros literários, exposições, reflexões, argumentações, acompanhando a seqüência histórica da linguagem. Iniciamos com trechos da época arcaica e terminamos com episódios dos nossos dias. [...] Mantivemos a mesma diretriz nacionalista e católica. Se alguma passagem se furtar a essa norma geral, pedimos aos snrs. Professores que nos comuniquem as suas razões, que, sendo justas serão imediatamente atendidas. Quanto aos erros aqui estamos para receber as correções daqueles que mais luzes tiverem nestes meandros obscuros da língua portuguesa. O nosso intuito é apenas um: bem servir a todos, servindo à pátria onde nascemos e à mocidade entre a qual vamos alegremente, envelhecendo. (BUENO, 1941)

⁶ Tendo em vista o número de páginas deste texto serão analisados aspectos das duas edições do exemplar das “Páginas Floridas” elaborados para a 4ª série do ensino ginásial – a terceira edição, publicada em 1941 e a 12ª edição que circulou a partir de 1952. Nesta última edição na capa o autor informa que o livro está “de acordo com a portaria n.966, de 2 de outubro de 1951”. (BUENO, 1952)

Em relação à terceira edição o autor indica a alteração do formato do compêndio em termos da organização das temáticas das lições e a preocupação com a modernização das mesmas sem exceder o nível ginásial:

Esta edição, que ora aparece, não é bem a terceira, mas verdadeiramente, um novo livro, tais os assuntos novos que nela incluímos, tal a extensão que demos aos já existentes nas primeiras publicações. Todos os pontos foram refundidos e ampliados, sobretudo os da fonética e da morfologia. Consultamos os mais modernos trabalhos e apoiamos-nos em as melhores autoridades no assunto, quer em Portugal, quer fora dele. [...] Se mais não fizemos foi porque a nosso juízo, o tamanho do compêndio se tornaria pouco didático e excessivo para o nível ginásial a que se destina. (BUENO, 1941)

Na décima segunda edição o Professor Francisco mantém o diálogo com os professores em uma pequena nota intitulada “Apresentação” e revela nas suas intenções a vontade de agradar os jovens leitores:

Presos que nós achamos às prescrições dos programas oficiais, apresentamos, ao ilustre professorado brasileiro, esta série das “Páginas Floridas”. Esperamos ter-lhe proporcionado um livro, não só de acordo com as exigências do ensino oficial, mas também de conformidade com os nossos métodos já, de há muito, conhecidos dos preclaros mestres de vernáculo. Esperamos que os numerosos contos e episódios aqui reunidos despertem a curiosidade dos estudantes e, mais do que isso, que lha satisfaçam. (BUENO, 1952)

Cotejando as duas edições, encontramos os seguintes autores em comum: Camilo Castelo Branco, Martins Fontes, Humberto de Campos, Cassiano Ricardo, Judas Isgorogota e o próprio Silveira Bueno. Na décima segunda edição nenhuma autora se faz presente, na terceira, o Professor Francisco selecionou textos de: Maria Eugênia Celso, Zalina Rolim, e Lúcia M. Pereira. Em ambas seletas verificamos a existência de textos sem autoria.

Poemas, narrações de fatos históricos, textos de origem popular, clássicos da literatura portuguesa e brasileira, autores das mais diferentes regiões do Brasil, reconhecidos e desconhecidos povoam as “Páginas Floridas” que tiveram ampla circulação no Brasil. Os temas sobre a família, principalmente enfocando a figura materna, as lições patrióticas (fatos e vultos), o valor do conhecimento e da escola, valores como obediência, respeito, lealdade, amizade, compaixão, também se fazem presentes. Em seu livro de Memórias, intitulado “Nas tormentas da vida: memórias de um batalhador”, publicado postumamente, Francisco ressaltava:

[...] a pedido da Editora Saraiva organizei uma série de cinco livros, ‘As Páginas Floridas’. Introduzia no ensino da língua portuguesa o método de deduzir de um trecho literário todos os ensinamentos da gramática. [...] O êxito desta coleção foi além das nossas expectativas: o Brasil inteiro adotou as ‘Páginas Floridas’ e até no Seminário Brasileiro de Roma as havia [...]. Foi nas ‘Páginas Floridas’ que os padres brasileiros ensinaram português ao Papa Pio XII. (BUENO, 1996, p.365)

Em que pese todo esse sucesso editorial da coleção percebe-se entre a terceira e a décima segunda edição mudanças ocorreram, na materialidade e composição das lições. O número de páginas diminuiu significativamente, as capas deixaram de ser cartonadas, barateando os custos de produção, bem como para a aquisição dos exemplares. Provavelmente estas alterações possam estar vinculadas com o processo de ampliação do acesso ao ensino ginasial na década de 1950 no sistema público de ensino, favorecendo que extratos sociais antes alijados deste nível de ensino pudessem agora ocupar lentamente algumas vagas.

As lições de Aída Costa

Na coleção publicada pela Editora do Brasil, com grande circulação nacional, Aída Costa organizou não apenas a série ginasial do ensino de português, mas também a série do ensino de latim. No caso deste estudo analisamos os exemplares da décima edição do livro para a terceira série ginasial, publicado em 1961; e a segunda edição do quarto livro de português, de 1951.

A autora informa nas páginas iniciais da obra (nos dois exemplares analisados) ser licenciada em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Também apresenta diversos registros de normas e portarias que regulamentavam o programa de ensino de língua portuguesa e as alterações da língua. No caso do exemplar do quarto livro ela transcreve a Portaria n.170, de 11 de julho de 1942, do Ministério da Educação; e no caso do livro do terceiro ano, são duas as portarias referidas a de n.1045 de 14 de dezembro de 1951 e a de 28 de janeiro de 1959, ambas tratam da nova nomenclatura gramatical brasileira.

Aída Costa se utiliza também dos textos literários brasileiros e portugueses para o ensino de noções de gramática. Em suas obras, chama atenção a redução do número de páginas em comparação com as “Páginas Floridas” de Silveira Bueno. O livro do quarto ano tem 189 páginas e o exemplar do terceiro é composto por 204 páginas. Em cada uma das lições há algum tipo de ilustração (em preto e branco), geralmente referente ao texto literário e o índice, está estruturado em duas partes: os textos literários e em seguida as “noções de gramática”. Nos exercícios propostos ao final de cada uma das lições, localizamos o estímulo à produção de redações, com os seguintes títulos: “Que espero eu ser na vida?”; “Por que eu sou patriota?”; “Minha cidade natal”. Bem como a produção de textos como: atas, requerimentos, diferentes tipos de cartas (comerciais, de pêsames, de agradecimento, entre outras). Aída Costa nos dois livros só publica um texto de autoria de Júlia Lopes de Almeida, os outros autores são todos homens. Há no terceiro livro, um texto de autoria de Silveira Bueno.

Considerações finais

Identificamos relações significativas entre as “lições” dos professores Francisco Silveira Bueno e Aída Costa e as determinações estabelecidas na Lei Orgânica do Ensino Secundário, da Reforma Capanema, uma vez que no documento legal havia uma preocupação com a formação integral e com a estruturação da consciência humanística e patriótica, bem como, com a preparação intelectual para a continuidade de estudos, como foi possível demonstrar, estes objetivos pareceram servir como “pano de fundo” para as seleções dos textos literários realizadas pelos referidos autores

Observamos também recorrência na escolha de alguns autores para seletas estudadas. Os textos que tratam acerca de vultos e fatos históricos, excertos sobre temas religiosos, as crônicas sobre o cotidiano, e as lições morais também retratam, de certa forma, os vínculos familiares a função social da escola e a importância dos valores patrióticos.

Localizamos exemplares dos livros do Professor Silveira Bueno e da Professora Aída Costa em sebos de diferentes cidades brasileiras e com maior recorrência nos seguintes Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pernambuco, Paraíba, Ceará, o que nos permite inferir a circulação ampliada dos livros dos autores, que se preocuparam através de excertos literário, dos exercícios de composição, e das explicações gramaticais formar os meninos e meninas do Brasil, nos anos 40, 50 e 60 do Século XX.

Referências

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos. ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 529- 575.(Coleção Histórias de Leitura).

BUENO, Francisco Silveira. *Nas tormentas da vida: memórias de um batalhador*. São Paulo: Lisa, 1996.

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Floridas*. 4ª série ginásial. 12.ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1952. (Coleção Didática Saraiva)

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Floridas*. 4ª série ginásial. 3.ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1941. (Coleção Didática Saraiva)

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Literárias*. 1ª e 2ª séries ginásiais masculinas. 4.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1949.

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Literárias*. 3ª e 4ª séries ginásiais masculinas. 4.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1943.

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Seletas*. 1ª e 2ª séries ginásiais femininas. 2. ed. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1943a .

BUENO, Francisco Silveira. *Páginas Seletas*. 3ª e 4ª séries ginásiais femininas. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1943b .

BUENO, Francisco Silveira. *A arte de falar em público*. Retórica e Eloquência. Acadêmica, parlamentar, forense e eclesiástica. 2.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1938.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *Revista História da Educação*. Pelotas: Editora da UFPel, 2002. p.5-24.

COSTA, Aída. *Português*. Terceira Série Ginásial. 10 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1961. (Coleção Didática do Brasil, série ginásial)

COSTA, Aída. *Quarto livro de Português*. Quarta Série. Curso Ginásial. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasi, 1951. (Coleção Didática do Brasil, série ginásial)

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.pp. 143-179.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: EDUSP/ T. A. Queiroz Editora, 1985.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MAFRA, Johnny José. O latim na Faculdade de Letras. Belo Horizonte, *Revista Aletria*, vol. 18. Jul-dez, 2008. p.77-79.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo: Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. (Tese de Doutorado em História e Filosofia da Educação)

NUNES, Maria Thetis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999.

POLITO, Reinaldo. Há livros que transformam uma vida. Vencendo a comunicação. Edição 65. Disponível em: <http://www.vencer.com.br>. Acesso em 10 dez.2008.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971)*. Campinas: Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Tese de Doutorado).2. vol.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.